

São 7 milhões, comem mal e trabalham 12 horas por dia

O dia de trabalho do bóia-fria é mais longo que o comum. Bem cedo, às cinco horas com um pano enrolado na cabeça coberto por um chapéu, eles já estão aguardando os caminhões que os levarão para o campo. Com a marmita do almoço, às vezes preparada na véspera, a foice, o facão e uma garrafa do café, esta altura já gelado, homens, mulheres e até crianças, de estômago vazio, se preparam para mais uma jornada de trabalho, que pode durar 12 horas.

De acordo com as estatísticas da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), o Brasil tem 13 milhões de trabalhadores rurais. Destes, sete milhões são bóias-frias; cinco milhões, pequenos proprietários e posseiros e um milhão, apenas, tem trabalho permanente. A Unicamp calcula ter em São Paulo 550 mil assalariados nos campos, mesmo número que a Federação da Agricultura do Paraná aponta para o Estado. Em Minas Gerais, segundo a Fetaemg, o número chega a 160 mil e em Pernambuco a 150 mil, conforme dados da Delegacia Regional do Trabalho.

Pesquisas mostram que as condições de vida deste contingente de trabalhadores é o pior possível. Estudo feito na região de Ribeirão Preto em Vila Recreio, pelo pesquisador indiano Indrajit Desai, da Universidade British Cambia, do Canadá, constatou que a dieta da maioria das famílias consiste basicamente de café com pão branco pela manhã, arroz e feijão no almoço ou sopa de atroz e feijão no jantar. A cachaça é consumida duas vezes por dia.

Alimentos como ovos, galinha e carne de boi são consumidos apenas uma vez por semana, normalmente aos domingos. Vegetais são raros em sua alimentação e o leite é reservado para as crianças. O pesquisador indiano comparou 400 crianças de Vila Recreio, filhas de bóias-frias, com 400 crianças que estudam em colégios de classe média alta. A conclusão foi de que os filhos dos bóias-frias apresentam menor desenvolvimento físico e mental e redução da capacitação física.

Os filhos de bóias-frias começam a trabalhar, em geral, a partir dos 11 anos, abandonando os estudos ainda no curso primário, o que é, até certo ponto, incentivado pelos pais, semianalfabetos, que preferem aumentar os ganhos da família. Os filhos menores, ou ficam com vizinhos ou com irmãos com um pouco mais de idade.

Petronilho Manoel dos Santos, 42 anos, bóia-fria de Arandu, em São Paulo, concorda que a situação de sua classe está cada vez pior:

— Mas fazer o quê? Aqui a gente só pode ser bóia-fria, não tem outro trabalho. Ou nos conformamos com nossa sorte ou partimos para a revolta, que nem sempre é a solução — afirma.

Em Arandu, há três semanas, o bóia-fria Luiz Antônio do Nascimento, 23 anos, matou com quatro facadas Salvador Belizário, 53 anos, também bóia-fria. O assassinato aconteceu depois que ambos receberam Cr\$ 15 mil de vale por uma semana de trabalho. O crime aconteceu após 11 anos de tranquilidade na cidade e, para o prefeito Jocelir Silvestre, é reflexo da miséria e desespero dos bóias-frias.